

Teatro
de 20 a 23 de setembro 2012

Cadavre Exquis

Cadáver Esquisito

de Kassys em colaboração com
Nature Theater of Oklahoma,
Tim Crouch e Nicole Beutler

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Encenadores primeira parte: Liesbeth Gritter (Kassys); segunda parte: Pavol Liška & Kelly Copper (Nature Theater of Oklahoma); terceira parte: Tim Crouch; quarta parte: Nicole Beutler (nb projects) e quinta parte: Liesbeth Gritter (Kassys)
Intérpretes Esther Snelder, Hannah Ringham, Jarid Rychtarik e Bas van Rijnsoever
Coordenação e assistência artística Mette van der Sijs **Desenho de luz e técnica** Adriaan Beukema
Produção Kassys (Merrill Abrahams) **Coprodução** Kunstencentrum Vooruit, Culturgest, Kunstencentrum BUDA, Mousonturm e Festival Züricher Theaterspektakel
Apoio Fonds Podiumkunsten e VSBfonds **Estreia** 26 de abril de 2012, Kunstencentrum Vooruit, Gent

De qui 20 a dom 23 de setembro
21h30 (dom às 17h) · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h20 · M12
Espetáculo em inglês, parcialmente legendado em português

Um cadáver esquisito é um jogo coletivo surrealista. Por exemplo: o primeiro autor escreve um verso num papel; depois dobra-o de forma a que só fique visível a última palavra; o segundo escritor continua (vai ser conduzido, ou não, por aquela última palavra); segue-se o terceiro escritor, etc.

Cadavre Exquis é um espetáculo-estafeta de quatro companhias de teatro: Kassys (Holanda), Nature Theater of Oklahoma (EUA), Tim Crouch (Reino Unido) e Nicole Beutler (Alemanha/Holanda).

Quatro criadores/encenadores internacionais pegaram juntos no desafio de criar um cadáver esquisito. As regras da experiência são:

1. Cada encenador faz uma parte que dura 15 minutos no máximo.
2. Como ponto de partida cada encenador só vê os últimos 60 segundos da parte anterior.
3. Cada encenador traz consigo um intérprete.
4. Com estes quatro intérpretes cada encenador trabalha durante duas semanas.
5. Para evitar que os encenadores sejam influenciados durante o período de ensaios, os intérpretes “juraram segredo” sobre as partes anteriores.
6. Tudo é permitido: o cenário pode ser alterado ou mesmo destruído, podem ser acrescentados figurantes, um

espetáculo de dança pode subitamente transforma-se num filme ou vice-versa. Desde que haja uma reação ao último minuto da parte anterior.

7. *Cadavre Exquis* tem cinco partes, apresentadas pela ordem em que foram criadas por Kassys, Nature Theater of Oklahoma, Tim Crouch, Nicole Beutler e Kassys.

Expectativas

Os criadores sobre *Cadavre Exquis*

Liesbeth Gritter (Kassys)

A ideia para *Cadavre Exquis* nasceu de alguns desejos persistentes: queremos fornecer oxigénio ao nosso processo artístico, queremos provocar-nos a seguir um caminho diferente daquele a que estamos habituados no processo de ensaios, procuramos uma colaboração onde não temos de fazer concessões artísticas, mas para termos um debate sobre os nossos “valores e padrões teatrais” com outros criadores, queremos saber como é que contamos aquilo que temos para contar se só tivermos 15 minutos para o fazer, queremos descobrir o que acontece quando somos obrigados a não pensar automaticamente segundo um padrão familiar.

Em suma: queremos abordar a nossa imaginação de outro ângulo e achamos que o princípio surrealista do cadáver esquisito é uma forma interessante para o fazer.

Pavol Liška (Nature Theater of Oklahoma)

A parte mais apelativa de trabalhar em *Cadavre Exquis* é que nos vai obrigar a sair dos nossos hábitos de trabalho e preocupações estéticas. Vamos ter de reagir à imagem de outro artista, e acabar por criar alguma coisa que não teríamos imaginado antes do início do processo. *Cadavre Exquis* vai subverter e desafiar os nossos egos, gostos pessoais e *backgrounds*. Usamos normalmente operações aleatórias no nosso trabalho enquanto Nature Theater of Oklahoma

de modo a fazer descobertas inesperadas, e este projeto é um passo maior, mais extremo e radical para forjar uma nova estética e forma de trabalhar.

Tim Crouch

Cadavre Exquis amplia o processo do aqui e agora. Atira-nos para os braços de uma reação, que parece ser a forma mais produtiva de trabalhar. O projeto também eleva os seus espectadores, ao não ter pleno controlo sobre si próprio. Ao esquartejar a tradicional unidade de intenção, os criadores tornam-se tão associativos quanto os espectadores. Isto vai para lá do jogo pelo jogo. Quer dizer que temos todos de viajar mais fundo para fazer as juntas e vamos ter de ser mais abertos. Estou entusiasmado por ver onde isto nos vai levar.

Nicole Beutler

Estou entusiasmada com a ideia de lidar com uma imagem, que é como criar uma peça à volta de um postal. De onde é que vêm e o que é que acontece a seguir? Parece instigante reagir a essa situação que vai ser condicionada por tantos fatores: Relações espaciais? Cores? Figurinos? Som? Enquanto criadora venho com um certo conjunto de estratégias para ler narrativa ou movimento potenciais. Estou ansiosa por ser surpreendida pelo que vou ver, arrancada da minha rotina de preparação de uma peça. Aceitarei o risco de pôr isto de lado e trabalhar com o momento? Isso seria entusiasmante. E depois aplicá-las quando necessário só quando tiver percebido a minha entrada enquanto criadora na situação proposta. Ao mesmo

tempo há uma série de condições prévias, quatro intérpretes, dez dias de trabalho. Estas condições já enformam o que vai acontecer. Os intérpretes têm de lidar com cinco abordagens diferentes, tornar-se uma espécie de meio para universos diferentes. Isso tem muito a ver com a forma como trabalho com os intérpretes, eles relacionam-se com o material, seja texto, movimento ou canto. Podem entrar e sair do que estão a fazer e mudar constantemente a sua perspetiva. Em primeiro lugar organizo a forma e a musicalidade, não a intenção. Para além disso já joguei muitas vezes o jogo do cadáver esquisito com poesia e desenhos – é alta a probabilidade de que se crie uma meta-história para uma noite assim, como uma montagem de materiais que aparentemente não estão relacionados. O que também está aqui em jogo é a posição do autor/mente do todo – quão transparentemente pode a peça ser apresentada de modo a comunicar todas as questões que fazem parte dela.

Mais materiais em
cadavreexquis-en.tumblr.com

chegadas & partidas



Chegada de Liesbeth Gritter, diretora de Kassys
27 de janeiro de 2012



Chegada de Mette van der Sijs,
coordenadora e assistente artística
27 de janeiro de 2012



Partida de Liesbeth Gritter
11 de fevereiro de 2012



Chegada de Tim Crouch, encenador
24 de fevereiro de 2012



Partida de Kelly Copper e Pavol Liška
25 de fevereiro de 2012



Chegada de Adriaan Beukema,
técnico e desenhador de luz
27 de janeiro de 2012



Chegada de Jarid Rychtarik, intérprete
28 de janeiro de 2012



Chegada de Hannah Ringham, intérprete
29 de janeiro de 2012



Chegada de Nicole Beutler, coreógrafa
10 de março de 2012



Partida de Tim Crouch
11 de março de 2012



Chegada de Liesbeth Gritter
23 de março de 2012



Chegada de Esther Snelder, intérprete
29 de janeiro de 2012



Chegada de Bas van Rijnsoever, intérprete
29 de janeiro de 2012



Chegada de An Mahieu, cozinheira
janeiro de 2012



Partida de Nicole Beutler
24 de março de 2012



Partida de Kortrijk, Kunstencentrum BUDA
5 de abril de 2012



Partida de Kortrijk, Kunstencentrum BUDA
6 de abril de 2012



Chegada de Annelies Wuyts,
assistente de produção
janeiro de 2012



Chegada de Paul Bogaert, O Olho Exterior
fevereiro de 2012



Chegada de Kelly Copper e Pavol Liška,
diretores de Nature Theater of Oklahoma
10 de fevereiro de 2012



Partida de Kortrijk, Kunstencentrum BUDA
6 de abril de 2012



Chegada a Gent, Kunstencentrum Vooruit
6 de abril de 2012

Kassys

Kassys é uma iniciativa teatral fundada em 1999 por Liesbeth Gritter e Mette van der Sijts. Fazem espetáculos que exibem a beleza do sucesso e fracasso humanos. Por curiosidade, preocupação e irritação, Kassys deixa os espectadores observarem mecanismos do comportamento humano. Usam os códigos e clichés do teatro e do cinema para contar a sua “história”. O resultado é frequentemente uma dissolução e é por vezes hilarantemente reconhecível, mas sempre com bastante autoirrisão e olho para os pormenores. Kassys tem viajado internacionalmente com *KOMMER*, *LIGA* e *Good Cop Bad Cop*. *LIGA* foi visto na Culturgest em 2010.

kassys.nl

Nature Theater of Oklahoma

A companhia nova-iorquina Nature Theater of Oklahoma cria peças que esbatem a fronteira entre teatro, dança e multimédia. “Temo-nos dedicado a fazer peças que não sabemos fazer, colocando-nos em situações impossíveis e trabalhando a partir da nossa ignorância e desconforto. Procuramos criar uma situação ao vivo perturbante que exija presença total de todos os que estão na sala. Usamos os materiais *readymade* à nossa volta, espaços encontrados, discurso ouvido por acaso e gestualidade observada, e através de uma manipulação formal extrema e de um esforço sobre-humano efetuamos no nosso trabalho uma alteração de percepção da realidade quotidiana que se

estende para lá do local do espetáculo e vai até ao mundo em que vivemos.”

Nature Theater of Oklahoma esteve em Lisboa com *No Dice* (alkantara festival, 2008), *Romeo and Juliet* (Teatro Maria Matos, 2009), *Life and Times – Episode 1 e Episode 2* (Teatro Maria Matos, 2011 e 2012 respetivamente).

oktheater.org

Tim Crouch

O artista de teatro britânico Tim Crouch escreve peças e é intérprete das mesmas. O ponto de partida do seu trabalho tem sempre sido um texto escrito por si. O seu trabalho tem sido feito em reação a um impulso autogerado de contar uma história ou explorar uma forma. Desde 2003 criou *My Arm*, *An Oak Tree, England* e *The Author* (vistos na Culturgest respetivamente em 2004, 2006, 2008 e 2010). Tem viajado internacionalmente com as suas peças. Atualmente está a trabalhar na Royal Shakespeare Company num espetáculo de Shakespeare para jovens.

Os seus textos estão publicados em português: *My Arm* no n.º 10 da revista *Artistas Unidos*, os restantes nos Livrinhos de Teatro dos Artistas Unidos/Cotovia.

timcrouchtheatre.co.uk

Nicole Beutler

Nicole Beutler é uma coreógrafa, curadora e intérprete. O seu trabalho está entre a dança, a *performance* e as artes plásticas. Os seus espetáculos são compostos musicalmente e imbuídos

de um humor subtil. Caracterizam-se por cenários mínimos e a atenção concentrada no *performer* como ser humano. Investiga em todas as suas obras a função da dança no contexto da *performance* e do teatro. Das suas peças anteriores destacam-se: *1: Songs*, *2: Dialogue with Lucinda* e *3: The Garden*.

nbprojects.nl



© Mette van der Sijts



Culturgest, Espaço CarbonoZero

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

Craig Taborn

Jazz Qua 26 setembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M3



© Rue Sakayama

Piano Craig Taborn

Para alguém tão interessado pelos teclados eletrónicos, tem sido uma surpresa a mais recente dedicação de Craig Taborn ao piano, dedicação essa que, no álbum *Avenging Angel* (ECM, 2011), encontra o seu máximo expoente. O Craig Taborn solista é bem diferente daquele que ouvimos como *sideman* e à frente dos seus próprios grupos.

Sem uma partitura previamente estabelecida e sem qualquer estruturação intencionada, cada solo de Taborn é uma improvisação, mas uma improvisação que se desenrola composicionalmente, estruturando-se à medida que a atuação decorre. A improvisação é composta em tempo real: “Muito simplesmente, começo a tocar. Mas assim que começo, procuro relacionar tudo o que acontece, designadamente os motivos, os ritmos e as texturas, às ideias iniciais.” Em vez de continuamente avançar para novas situações, Craig Taborn explora até à exaustão os materiais

que vão surgindo, desconstruindo-os e reconstruindo-os, derivando deles e a eles regressando, sem temer a repetição nem o carácter obsessivo deste trabalho.

Craig Taborn nasceu em Golden Valley, no Minnesota. Estudou na University of Michigan, em Ann Arbor, na mesma altura em que teve a oportunidade de tocar com alguns músicos da cena de Detroit, como Marcus Belgrave, Harold McKinney e Kenny Cox. Depois de, durante alguns anos, ter colaborado com o saxofonista James Carter, teve como parceiros tanto figuras do *mainstream* do jazz como da vanguarda, incluindo Wadada Leo Smith, Steve Coleman, Tim Berne, Roscoe Mitchell, Drew Gress, Gerald Cleaver, William Parker, Bill Laswell, Mat Maneri, Marty Ehrlich, Bill Frisell, David Binney, Dave Douglas, Rudresh Manhattappa e Graham Haynes. O seu percurso tem passado, igualmente, por outros idiomas musicais, como, por exemplo, o grupo de eletrónica de dança *Meat Beat Manifesto* e a banda de *noise-punk* *The Gang Font*.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca estagiária

M^ª Rita Martins estagiária

Marta Ochôa estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Leonor Guerra estagiária

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
